

# A Europa e a civilização ocidental

*O projecto europeu tem cinquenta anos. Apesar dos seus muitos problemas, teve pelo menos um grande sucesso: na medida em que o seu objectivo era prevenir a guerra entre países europeus, este foi um triunfo.*

**M**as agora que o perigo de uma guerra europeia desapareceu, outras questões, relacionadas com os detalhes do projecto europeu, ganham dimensão. São questões tais como a forma da sua liderança: deverá ter um presidente do Conselho semi-permanente, menos Comissários, um único representante para a política externa? E o seu conteúdo democrático: devem os Estados maiores ter mais influência? Que tipo de decisões devem ser objecto de voto maioritário? A carta de direitos fundamentais deve ser objecto de uma lei? Uma nova constituição deverá ser votada pelos povos? (...)

Por mais prementes que sejam estes assuntos, inclusive a questão democrática, o projecto europeu não está a centrar-se numa questão que penso ser da maior importância. A grande questão que a Europa enfrenta, é a própria existência futura da Europa, ou, da Europa “tal como a conhecemos”. Qual a Europa que conhecemos e gostamos, apesar das muitas diferenças e desacordos existentes em relação às políticas?

A Europa é a casa da civilização ocidental. A Europa é o berço dos valores comuns da civilização ocidental, que alimentaram o que reconhecemos como os princípios “universais” da liberdade sob a lei, da democracia constitucional, do pluralismo e dos direitos humanos. A civilização ocidental é o espírito, são os hábitos, que nos deram a catedral de Chartres e basílica de São Pedro,

Bach e Beethoven, Shakespeare e Copérnico, a Magna Carta e os Direitos do Homem, e a Constituição dos Estados Unidos. A civilização ocidental e a relação transatlântica são as principais preocupações da New Atlantic Initiative.



**Miguel Monjardino, Bridgett Wagner e Daniel Oliver**

si um elemento de hostilidade crescente? Ou será que a carnificina do último século esgotou a Europa?

Há poucos meses estive numa pequena aldeia francesa chamada Colleville-sur-Mer para assistir às cerimónias comemorativas do 63º aniversário do desembarque das Forças Aliadas nas praias da Normandia. Ninguém que tenha visitado o Cemitério Americano e visto as



fileiras e fileiras de simples túmulos brancos pode evitar pensar e maravilhar-se com a dimensão do esforço que libertou a Europa da tirania. Fui ao novo Centro para Visitantes – um edifício digno, de pedra e vidro, com exposições que procuram explicar porquê mais de 9.000 jovens americanos vieram para uma



praia francesa e aí morreram, a milhares de milhas de distância das suas casas. Na sua maior parte, eram muito jovens. Porque estão os seus corpos enterrados em França? Porque foram a França salvar a Civilização Ocidental, num esforço fortíssimo a que o Presidente Roosevelt chamou “uma batalha para preservar a nossa República, a nossa religião, a nossa civilização”. Foi esse empenho – seguramente uma das maravilhas do mundo moderno – que tornou possível o projecto europeu.

Também há 60 anos iniciou-se outro projecto de convergência histórica, o Plano Marshall. O Plano Marshall – e os seus frutos, NATO, Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e UNESCO – foram parte do esforço dos Estados Unidos em permanecer envolvido nas questões mundiais, o que significava primordialmente questões europeias, após o que se pode considerar uma guerra de 30 anos na Europa, que durou de 1914 a 1945. Entender esse período da história como um período de 30 anos de guerra tornou ainda mais premente a necessidade de garantir a paz.

O isolacionismo quase deixou os EUA fora da II Guerra Mundial, e o isolacionismo ainda existia após a II Guerra Mundial. O Senador Robert Taft, conhecido como “Mr. Republican”, opôs-se à criação da NATO. “Adoptámos tranquilamente uma tendência para interferir nos assuntos das outras nações”, disse em 1949, “para assumir que somos uma espécie de semi-deus e Pai Natal que resolve os problemas do mundo.” A visão do Presidente Truman era, no entanto, diferente. Ao falar do Plano Marshall, disse, “acredito que nos próximos anos, olharemos para este empreendimento como a linha que divide a velha era das questões mundiais e a nova – a linha que divide a velha era da desconfiança nacional, da hostilidade económica, do isolacionismo, e a nova era da cooperação mútua para aumentar a prosperidade dos povos no mundo.”

As instituições pós-guerra foram pensadas, é claro, para ajudar a Europa sobreviver e prosperar. Mas os seus arquitectos, que pensaram que uma economia fraca na Europa facilitaria as ambições soviéticas e as vitórias eleitorais comunistas, viu o Plano Marshall sobretudo como uma forma de conter o comunismo. Anos depois, Theodore White escreveria, “o Plano Marshall foi o conceito anti-comunista mais bem sucedido dos últimos cinquenta anos.”

O Plano Marshall, traçado por George Kennan, autor da doutrina da contenção, entrosou bem com a Doutrina Truman, anunciada a 12 de Março de 1947: todas as nações que batalhassem pela sua liberdade poderiam contar com o apoio dos Estados Unidos. A Guerra Fria tinha começado. Churchill tinha feito o seu discurso da “Cortina de Ferro”; Walter Lipmann tinha publicado o seu famoso *The Cold War*, e um historiador francês, Georges-Henri Soutou tinha publicado um livro, em 1943, com o título presciente, *The Fifty Years War*. Os estadis-

tas desta época tinham estratégias de longo prazo, pensadas para garantir não apenas a sua sobrevivência, mas também a dos seus amigos, perante a ameaça de um inimigo particular. E os estadistas apoiavam-se numa economia exuberante, num exército musculado, e numa taxa de natalidade vibrante.

Jean Monnet, pai do projecto europeu, escreveu sobre o Plano Marshall, dizendo que não era “apenas uma questão de bem estar material: era a base necessária para a independência nacional e a preservação da democracia”. (...) Parece-me interessante por duas razões. O projecto europeu tal como está a ser gerido actualmente parece ter como intenção suprimir a “independência nacional” e talvez também a democracia. (...)

Um pequeno livro por Mark Steyn, intitulado *America Alone: The End of The World As We Know It*, descreve o desaparecimento da religião na Europa e a sua completa secularização, a implosão populacional, e a incrível chegada de muitos imigrantes não assimilados. As taxas de natalidade nos países Europeus são sobretudo abaixo da taxa necessária para manter a população estável, 2.1 filhos por mulher. Nenhum país europeu atinge essa taxa. A taxa mais baixa na Europa é na Grécia com 1.29; seguida de Espanha com 1.32, Itália com 1.33, França com 1.9 e a Irlanda com 1.99. Mas não é tudo. Apesar da taxa de natalidade em França ser 1.9, dois em cada cinco bebés nascidos em França são filhos de imigrantes árabes ou africanos. Na Alemanha, com uma taxa de natalidade de 1.37, 35% dos bebés não são de origem alemã. (...) Segundo Paul Bellie, desde 2004, o número de alemães que saiu da Alemanha é superior ao número de imigrantes que entraram na Alemanha. Os Alemães que saíram estavam altamente motivados; os imigrantes que entraram eram sobretudo pobres, sem formação, sem educação. (...)

Assimilar imigrantes é a chave para preservar uma cultura – tanto na Europa como na América. Na América, existe um ideal americano ao qual tanto americanos nativos, como imigrantes, aspiram. Mas não é claro que exista um ideal europeu ao qual os imigrantes possam aspirar (...). Se não é politicamente correcto assimilar e tornar-se Francês, Italiano ou Português, e se ao mesmo tempo não for emocionalmente recompensador tornar-se europeu, um imigrante na Europa pode permanecer o que era antes de vir para a Europa – não há alternativa atractiva. (...) A longo prazo, isto trará problemas, especialmente se os imigrantes trouxerem com eles uma religião totalmente diferente, e provavelmente hostil, à religião que deu origem aos valores da Civilização Ocidental. A questão é, quanto tempo, ou mais pertinentemente, quão cedo é o “longo prazo”?

O projecto europeu parece consumir-se com a criação de leis e regulamentações. Enquanto a taxa de natalidade declina, os nativos saem, os imigrantes entram, e a assimilação não acontece, e a Europa está ocupada a fazer leis sobre quão grande deve ser uma banana antes

de ser vendida nas mercearias europeias.

Travamos hoje numa batalha pelo mundo. Na realidade podemos estar permanentemente a batalhar pelo mundo. Se a Europa não se conseguir preservar, como poderá ajudar nessa batalha?

Talvez a Europa devesse dedicar mais atenção à própria Europa e à preservação da civilização ocidental. Talvez os Europeus devessem criar o seu próprio Plano Marshall para a Europa uma vez que a Europa parece estar a perder, literalmente, o seu corpo, assim como a sua alma. Se a Europa desaparece como protectora efectiva dos princípios universais, será que a América conseguirá protegê-los sozinha? E se não, que hipóteses terá a África e a sua pesada população?

Será realista pensar que a Europa ajudará a defender esses valores universais?

O exército europeu, de uma perspectiva norte-americana, não é exactamente musculado — o que pode resultar da sua economia, que tem estado anémica pelo menos há uma década. Os países europeus não gastam em defesa na mesma proporção do seu PIB do que os EUA. Em 2006, a despesa da França em defesa foi 2.4% do PIB; a do R.U. foi 2.3% e a da Alemanha foi 1.3%. A despesa dos EUA em defesa é aproximadamente 3.9% do PIB. No ponto alto da guerra do Vietname era 11%, foi 6% nos anos 1970, e rondava os 4% no início dos anos 1990.

Porque são os europeus guerreiros tão relutantes? A New Atlantic Initiative procurará descobrir nos próximos meses as causas dessa relutância. Muitos americanos partilham o sentimento de que a América, com o seu poderio militar e músculo económico, ajudou a Europa a garantir a sua paz. E pensam que a Europa falha em ajudar e garantir a paz noutros locais. Será parte da natureza dos Franceses, dos Portugueses ou dos Alemães? Ou será parte da natureza de uma nova Europa — um conglomerado que não é nem Francês, nem Português, nem Alemão?

A Europa pode não ser militarmente robusta, mas poderia oferecer apoio ao esforço da América. Penso que o efeito seria mais do que marginal. Um general norte americano disse há cerca de um ano que se

os EUA anunciassem que iam ficar no Iraque (com uma força militar) por dez anos, o inimigo desistiria. O apoio moral da Europa poderia disciplinar aqueles americanos que criticam o empenho da América e que podem contar com o silêncio dos Europeus. E sinalizaria aos nosso inimigos que no Ocidente estamos unidos. Os americanos eram voltados para si próprios: mas ergueram-se por duas vezes no ultimo século para abarcar responsabilidades internacionais. Está a Europa tão absorta no seu próprio projecto — já com 50 anos — que não despertará para ajudar a América a manter a paz?

Há uns meses atrás, no cemitério americano na Normandia, o Secretário da Defesa norte-americano Robert

Gates disse: “Enfrentamos novamente inimigos que procuram destruir o nosso modo de vida, e envolvemo-nos uma vez mais numa batalha ideológica que pode não ter solução por muitos anos, ou décadas”. Parece-me que as observações do Secretário Gates ecoam o espírito e as palavras daqueles que esboçaram o Plano Marshall — e a aventura militar que o precedeu — um esforço para preservar, tal como descreveu o Presidente Roosevelt, “a nossa religião, a nossa



**José Manuel Durão Barroso, Martim Avillez Figueiredo, António Carrapatoso, Manuel Braga da Cruz, Alfred Hoffman, Georges de Veirman, João Carlos Espada, António Mexia, William Hasselberger**

civilização”.

Os EUA estão novamente empenhados, ou mais precisamente, continuam empenhados na batalha pelo mundo. A questão é, quão envolvidos nessa batalha estão os povos do Projecto Europeu?

Será a conglomeração da Europa inimiga da grandeza da Europa — o tipo de grandeza necessária a uma civilização ameaçada? Pode ser que o nacionalismo mais localizado seja um ingrediente necessário à grandeza. A independência nacional de que falava Jean Monnet sobreviveu? Não sei. A homogeneização parece ter paralisado muitos na Europa.

Tragam de volta o Estado-Nação, para que todos os povos da Europa possam cantar, no seu próprio idioma, é claro, aquela canção escrita por dois britânicos, Flanders e Swan, cujo refrão diz:

*The English, the English, the English are the best.*

*I wouldn't give tuppence for all the rest.*

Feliz Aniversário, Europa.